

## NA ALEMANHA

## Movimento de protesto

Parece enfim acentuar-se na Alemanha um movimento contra a guerra—ou pelo menos contra as suas consequências...—empreendido pelos militantes da social-democracia, sob o acicute das massas operárias e da opinião socialista.

Os socialistas antiguerristas distribuíram um manifesto feroz, apontando como um belo exemplo a luta heróica dos revolucionários italianos contra a guerra. É mais um facto a confirmar o que temos escrito: a atitude antiguerrista dos revolucionários, além de combater o inimigo nacional, proporciona aos camaradas do país «inimigo» uma excelente arma contra o seu próprio governo, um poderoso meio para levantar as massas contra o seu natural inimigo interno e para apresentar os trabalhadores do estrangeiro, não como inimigos de raça, mas como irmãos que lutam pelo mesmo fim. O intervencionismo faz o duplo mal oposto.

O manifesto mostra que o verdadeiro inimigo dos trabalhadores alemães deve ser procurado, não na Itália ou nas nações aliadas, mas na própria Alemanha, no imperialismo germânico, no partido guerrista e na diplomacia secreta da Alemanha, incita o povo de cada país a concentrar as suas atenções nos seus próprios militaristas e imperialistas e conclui deste modo:

«Os inimigos da classe trabalhadora ganham na falta de memória dos operários, na picardia das massas. Mas nós erguemos as nossas vozes. Por quanto tempo continuarão os especuladores do imperialismo a brincar com o povo? Basta, e mais do que basta, desta carnificina! Abaixo os fazedores de guerra deste e do outro lado da fronteira! Acabe-se a matança dos povos!»

Trabalhadores de todos os países, segui o heróico exemplo dos vossos irmãos italianos! Uni-vos na luta internacional da classe operária contra os tramais da diplomacia secreta, contra o imperialismo, contra a guerra, e em favor duma paz concluída no espírito socialista. O principal inimigo dos trabalhadores de cada país está dentro do seu próprio país».

Em resposta ao discurso do rei da Baviera, advogando a anexação da Bélgica, os capitães militantes socialistas Bernstein, Haase e Kautsky publicaram também um manifesto que causou sensação. Entre outras coisas, diz:

«Aproxima-se o momento em que alguns de nós receberão. Permite a social-democracia que vote os créditos de guerra, mas desprezando completamente quando se trata de decisões cujas consequências serão das mais graves para o futuro do povo.»

Entre o nosso povo e o dos outros países beligerantes, manifesta-se cada vez com mais força a necessidade de paz. E quanto as classes dirigentes reconhecem assestadas ante a realização desses votos, milhares e milhares de homens voltam os olhos para a social-democracia, na qual estavam habituados a ver o partido da paz, e esperam dela a palavra salutar e a atitude conforme.

Desmascaradas ante o mundo inteiro as intenções de conquista, tem a social-democracia liberdade inteira de se atar do modo mais enérgico ao seu ponto de vista de principio e a situação actual faz desta liberdade um dever!

...A disposição actual dos acontecimentos reclama da social-democracia alemã que dê um passo decisivo para esse fim (acordo internacional socialista para estabelecer as bases da paz e reclamar dos governos). Ela vê-se hoje ante este dilema: Ou cumprir o seu dever, ou vibrar um golpe mortal na confiança que ela tem até aqui merecido do povo alemão e do mundo inteiro, lutando pela paz dos povos».

Hum! Esse golpe parece-nos que foi vibrado com a atitude da social-democracia ao declarar-se a guerra e talvez já seja tarde para o curar. E para se impor. Pois a social-democracia pensava deveras vir a ter voz activa nas decisões importantes? Não acreditamos nessa sinceridade dos bonzos burgueses da social-democracia. Eles bem sabiam que ao seu partido só era dado ser um instrumento traçosoiro nas mãos dos dirigentes: votar os créditos, entrar no côro nacional, acalmar as veleidades revolucionárias da massa operária.

Hoje ainda, esses bonzos acham excessivo o moderado manifesto dos três; e dez membros da direcção do partido publicaram no *Vorwärts* uma contra-declaração (que só três recusaram assinar) dizendo que Bernstein, Haase e Kautsky punham em perigo a unidade da seita! A isso respondeu Haase no mesmo jornal.

Apesar disso, a mesma direcção viu-se na obrigação de publicar outro manifesto—«A social-democracia e a paz!—exortando o governo a iniciar as negociações de paz. Por causa disso, foi sus-

penso o *Vorwärts*, órgão central da social-democracia alemã que parece ter sido já autorizado a reaparecer, comprometendo-se a não prosseguir na campanha pela paz!

Há ainda a notar uma significativa carta aberta, endereçada aos directores da social-democracia e dos sindicatos por mais de setecentos funcionários e militantes socialistas e operários. Eis algumas passagens:

«A massa esmagadora dos camaradas do partido esperava do grupo parlamentar que reclamasse enfim no mês de maio, após dez meses duma luta terrível, cuja duração e resultado são ainda imprevisíveis, o termo imediato da guerra... Mais uma vez a esperança das massas ficou irrealizada!»

Assim como não teve uma palavra de protesto contra a violação da neutralidade belga; assim como recusou elevar a voz contra o torpedeamento do «Lusitania», contra o sistema de represálias que provoca uma emulação de crueldade e mergulha a população civil cada vez mais nos horrores da guerra; assim como deixou de seguir o exemplo dos nossos camaradas sérvios, russos, ingleses e italianos, lutando contra os responsáveis da guerra mundial no seu próprio país; assim como ajudou a cobrir a empresa imperialista com o manto do patriotismo, o grupo parlamentar faltou também completamente ao seu dever naquela circunstância.

...Pomos-vos em guarda contra a continuação da política de 4 de Agosto e de 29 de Maio. Sabemos que exprimimos as concepções duma grande parte dos camaradas do partido e das camadas profundas da população, se pedimos que o grupo parlamentar e a direcção do partido se apliquem enfim à salvação da guerra mundial no seu próprio país; assim como ajudou a cobrir a empresa imperialista com o manto do patriotismo, o grupo parlamentar faltou também completamente ao seu dever naquela circunstância.

No fundo, esta carta-manifesto, cuja reprodução nos jornais foi proibida pela censura, é um libelo formidável, formulado pelos próprios socialistas democráticos, contra o parlamentarismo.

«Mas verão eles isso? Ou continuarão a confiar no grupo parlamentar e nos dirigentes do partido, a esperar deles o gesto libertador, em vez de se fiarem apenas no seu próprio esforço, organizando-se para a acção directa?»

E' o que devem fazer no caso presente e para o futuro em todos os casos, se pretendem realmente conquistar a emancipação social. Nas actuais circunstancias urge que não se limitem a um simples protesto verbal como em 1870, por mais unânime que seja.

A demonstração de mulheres ante o parlamento, em 28 de Maio, parece ter sido um bom prenúncio.

## Pangermanismo e panslavismo

## O perigo alemão e perigo russo

Com estas epígrafes, publicamos no nosso número de 23 de Maio um extracto de Bakunine, certos de que todos os nossos leitores, sobretudo os portugueses, compreenderiam o nosso intuito. Não quisemos invocar a autoridade dum grande homem, nem subscrever todas as afirmações e conceitos de Bakunine; mas pois que a sua opinião era manejada contra nós e só o davam como tendo visto e previsto o «perigo alemão», apresentamo-lo a mostrar do outro lado o «perigo russo». Questão de equilíbrio... europeu.

A *Acción Libertaria* de Gijón, é que o não compreendeu assim, mostrando-se toda surpreendida por termos dado aquele trecho, que, segundo ela, prova contra nós, e achando por isso que o supremo Júpiter, possuído da sinistra intenção de nos perder, já começou por nos transtornar o juízo.

O semanário de Gijón entende que o «perigo alemão» é actual, ao passo que o russo é apenas futuro, sendo esta também, no referido extracto, a opinião de Bakunine, que o faz depender, diz *Acción Libertaria*, da politica internacional tedesca.

No escrito em questão, Bakunine refere-se á politica interna da Alemanha quanto aos seus súbditos eslavos. Mas a questão das causas e responsabilidades da presente guerra não vem para o caso: quanto a isso, temos dito alguma coisa e muito falta ainda que dizer—á respeito das causas, que nunca pretendemos que fôr sem exclusivamente económicas, e á respeito das responsabilida-

des, que tocam a todos os Estados.

Agora trata-se do facto consumado da guerra e das suas prováveis consequências. E é dêsse facto consumado (cuja consideração deve agradar á *Acción Libertaria*, que se presume muito realista), é dêsse facto consumado que Bakunine faz depender o grande perigo panslavista—porventura exagerado, como é exagerado o perigo germânico, afim de encobrir o verdadeiro perigo militarista, capitalista e estatal. «Se pelo contrário triunfarem os eslavos, sob a bandeira do Tsar da Rússia, estará a humanidade perdida por muito tempo.» *Si au contraire les Slaves triomphent, sous*

*les drapeaux du Tsar de Russie, c'en sera fait de l'humanité pour longtemps.* A nossa tradução não encarece a ideia, antes pelo contrário.

Tal qual o perigo alemão, o perigo russo resulta, pois, para Bakunine, da luta formidável que ele previa; e se este perigo é imediato ou não, perguntem-no aos revolucionários russos e, sob o ponto de vista nacional ás populações escandinavas, finlandesas, judaicas, polacas, ucranianas, etc.

Quanto á França e Inglaterra, essas já terão bastante água pela barba com o perigo militarista, que lhes cresce pavorosamente em casa... por causa do «perigo alemão»...

## GUERRISTAS OU QUÊ?

Em nosso número de 20 de Junho, dissemos que, estando travada entre dois grupos de Estados uma guerra, *guerristas* são, literalmente, objectivamente, todos os que nela tomam parte voluntariamente, para contribuir para a derrota duma das partes (e portanto para a vitória da outra). Pouco importa se a adesão á ideia da utilidade da luta ás ordens dum governo e em colaboração com todas as classes do Estado é permanente ou transitória e limitada ao caso actual; e se a intenção íntima do combatente ou a sua razão justificativa é esta ou aquela, se cada um dá ao acto material, idêntico em todos, diverso conteúdo ideológico, coisa frequentíssima na vida. Foi o facto positivo, puro e simples, que nós tivemos em vista.

A *Acción Libertaria* não concorda e aduz vários argumentos. (1)

Para definir a guerra propriamente dita (luta entre Estados) e para distinguir o intervencionismo *por meio da guerra* do intervencionismo *por meio da revolução*, empregamos a expressão «intervenção em favor dum dos Estados».

A «realista» *Acción Libertaria*, desprezando o realismo do facto material, diz que tais intervencionistas não interveem em favor dum Estado: a sua intenção é defenderem povos atacados (todos se consideram atacados e todos o são com efeito pelos diversos militarismos e oligarquias), salvarem duma crise certos valores ideais (que, a nosso ver, eles comprometem) e evitarem o militarismo resultante do triunfo germânico (dum triunfo qualquer, ou da guerra, dizemos nós).

«Mas tomam ou não tomam, de facto, o partido dum dos grupos de Estados? Batem-se ou não por um deles? Cooperam ou não, como fim próximo, na vitória dum e na derrota do outro?»

«E como havíamos de chamar então á intervenção contra todos os Estados, aquela que consiste em lutar (com forças e meios possíveis) contra a guerra e contra o «inimigo interno» o que é, a nosso ver, o meio mais pratico e eficaz de lutar também contra o «inimigo interno» dos revolucionários estrangeiros, proporcionando a estes um admirável instrumento de propaganda e acção entre as massas e tirando ao seu governo uma arma perigosa, por ele manejada para obter a adesão do seu proletariado, cimentar a solidariedade nacional e fomentar os ódios de raça?»

E depois, somos nós os sofistas!

A *Acción Libertaria* acrescenta que os revolucionários intervencionistas não propagaram a priori a intervenção em qualquer guerra. Mas a coisa fica agora feita para o futuro: porque em todas as guerras, como em todas as lutas políticas, fácil é encontrar motivo para tomar partido e para intervir por uma das facções; e na verdade não há nenhuma—guerra ou luta política—cujo resultado nos seja absolutamente indiferente, penda para onde pender a vitória. Por isso, a conclusão a tirar daquele raciocínio é que deveríamos adoptar a reformismo, abandonando o método que caracteriza e distingue o anarquismo.

mó militante. A questão toda está no modo de intervir.

Outro ponto. Basta ler o nosso *suelto* do dia 20 de Junho, para ver que não comparámos os conservadores clericais aos revolucionários intervencionistas; para tornar mais clara a nossa ideia, dissemos que até aqueles maldizem a guerra. Não discutimos razões nem intenções.

Mas, objecta *Acción Libertaria*, os conservadores prepararam e provocaram a guerra, ao passo que os intervencionistas lutaram contra ela. Repetimos: não o quisemos negar, nem fizemos confrontos. Mas já agora sempre diremos que muitos intervencionistas só depois da guerra é que parecem ter descoberto o imenso, único e exclusivo perigo alemão. Do contrário, não deviam ter combatido o militarismo em todas as suas formas, mas sim ter aderido á ideia social-democrática da nação armada... nas mãos do Estado, do «exercito novo» de Jaurès. Pelo menos. Em compensação, agora preparam o terreno para esse novo militarismo—equivalente de outro qualquer—se, como é provavel, não desaparecer de todo o «perigo alemão», ou se surgir outro da mesma raça...

Tampouco comparámos o parlamentarismo á guerra (se o tivéssemos feito, teria sido talvez para achar erro mais grave o *guerrismo* do que o *parlamentarismo*). Apenas comparámos o argumento dos que repudiam a qualificação meramente objectiva de *guerristas* com o de certos socialistas que se declaram anti-parlamentaristas, mas dizem fazer parlamentarismo por necessidade de momento.

Com efeito, a argumentação destes é a mesma: repudiam a designação *objectiva* de *parlamentaristas*, resultante do facto material de participarem na acção parlamentar, e invocam para isso razões puramente subjectivas.

*Guerristas*, dizemos nós agora objectivamente; não l respondemos nós, alegando considerações subjectivas e fazendo intervir na definição e na qualificação as suas opiniões e intuítos particulares. Como se fôsse possível assim qualquer terminologia, qualquer definição!

Que quer *Acción Libertaria*? Que lhes chamemos *realistas*? Isso não pôde ser, pois que nos consideramos tam realistas ou mais do que eles. Temos outra maneira de ver e interpretar a realidade; opomos factos a outros factos, hipóteses a outras hipóteses; supomos servir melhor as nossas ideias, aumentar mais eficazmente os nossos «valores ideais».

O semanário de Gijón—que, por sinal, se esqueceu de examinar a nossa melhor comparação: a do nome de *insurreccionais* com o de *guerristas*—rejeita igualmente a apelação de *intervencionistas*. E diz que também achamos imprópria. Ora, nós achamo-la «não muito menos imprópria» do que a de *guerristas*. Nesse caso, até esta última a reconhecemos nós, no aludido *suelto*, como um tanto incerta.

Mas onde estão, em terminologia social, as palavras de significação perfeitamente definida, insofismável e inequívoca?

Nós, afinal, o que quisemos foi mais defender-nos da acusação de malevolência, mostrando

o sentido objectivo da palavra, do que demonstrar a impecável propriedade do termo; e a prova é que temos evitado depois o seu emprêgo, visto ela ofender—a nosso ver, sem razão, tratando-se de gente «realista»—as susceptibilidades de pessoas com quem esperamos em breve caminhar novamente de acôrdo.

Quanto a *intervencionistas*, não podemos deixar de usar o termo, á falta de outro mais preciso e mais exacto, para indicar os que na questão da guerra se separam de nós e da enorme maioria dos anarquistas.

(1) A *Acción Libertaria* diz *guerristas*, *guerrillistas*. Sem querer fazer caturrices de purista, parece-nos que *guerrista* não é bem a mesma coisa. Mas o caso é de pouca monta.

## Coisas historicas

12-1804—Funda-se em Zaragoza uma escola técnica de artes e officios.

13-1374—Morre Petrarca, distinto poeta italiano que muito se sacrificou na defesa da liberdade do seu país.

14-1913—Em Avelron dá-se uma violenta explosão do gás, que ocasiona inúmeras mortes.

15-189—Sai em New Jersey (E. U. A.) a *questão social*, semanário anarquista.

16-1913—Os operários dos estaleiros de Hamburgo declaram-se em greve, reclamando melhoria de situação.

17-1907—Conflitos agrários na Rússia, sendo promulgado o estado de sitio em Petrogrado e havendo muitas prições.

18-1913—Grandes manifestações revolucionárias em Viena do Castelo por causa da carestia do pão. Depois de alguns dias de luta, os operários conseguem ver atendidas as suas reclamações.

## Notas de perto

XIV

Meu Caro C

Se não tu, pelo menos alguns dos que terão lido as ultimas *Notas* que te dirigi, devem ter extranhado talvez a minha acrimoniosa attitude para com a nossa aliada Inglaterra. De atenuante a esse *dissabor* serve muito bem a satisfação íntima de que outros saberão destrinçar que me refiro apenas aos capitalistas e financeiros e que considero os trabalhadores de todos os países vítimas da desmedida ambição de todos eles, para quem não ha patriotismo nem nacionalidade que valha.

O socialista inglês, Keir Hardie, num artigo que tenho presente e que ele intitula «Patriotismo Medido em Milhões», dá-nos algumas amostras e cita-nos algumas opiniões insuspeitas do quanto é abnegada e desinteressada toda a obra dos financeiros do seu país. Diz-nos:

«Sir Robert Giffen, uma das maiores autoridades do seu tempo, no comércio e nas finanças dizia em 1899, que as receitas vindas de fóra, em commercio e empréstimos, eram cerca de 118.000.000 de libras, das quais apenas 18.000.000 de libras eram produto de verdadeiro commercio e que as outras 100.000.000 de libras eram de empréstimos coloniais e estrangeiros. «Segundo o economista politico, Mulhall, ha um aumento de 90 p. c. sobre a mesma receita em 1882; um aumento de receita de 70.000.000 de libras em 20 anos é boa razão para entusiásticas recepções, etc.»

«Em 1909, Sir George Raib fez uma conferencia na «Royal Statistical Society» sobre «Os nossos Interesses nos Empréstimos ao Estrangeiro» e calculava-os em 140.000.000 de libras nesse mesmo ano, ou seja 40.000.000 de libras em 10 anos ou uma média de 4.000.000 de libras em cada ano. «Depois, o ministro da Fazenda, Mr. Lloyd George, em resposta a uma pergunta em 11 de março, declarava:

«A importância total do capital inglês colocado no estrangeiro atinge quatro mil milhões de libras (4.000.000.000 de libras) e a receita do seu rendimento nos empréstimos coloniais e estrangeiros é de *duzentos milhões de libras* (200.000.000 libras) por ano.

Keir Hardie, reune depois es-